

1071

EXCERTOS

Études sur le combat. — Ardant du Picq. 1821.1870.

Trad. do Cel. R.B.N.

“E’ preciso saber como combatia o homem de ontem, para fazer uma idéia de como se comportará o homem de hoje, diante dos engenhos cada vez mais mortíferos da guerra moderna.”

A. du Picq.

I — O COMBATE ANTIGO

O combate é o objetivo final dos exércitos, e o homem é o instrumento, por excelência, do combate; nada poderá ser sãbiamente coordenado num exército — constituição, organização, disciplina, tática — cousas estas que se relacionam como os dedos da mão, — sem o conhecimento exato do instrumento primacial, o homem, e de seu estado moral, neste momento decisivo do combate.

Aconteceu muitas vezes, aos que tratam das cousas da guerra, tornarem a arma como ponto de partida, supondo, sem hesitar, que os homens a utilizarão sempre da maneira prevista e ordenada pelas regras e preceitos. Mas o combatente que se tem como ser racional, que abdica de sua natureza móvel e variável, para transformar-se em peão impossível e representar a unidade abstrata nas combinações do campo de batalha, é o homem das especulações de gabinete, não é absolutamente, o homem da realidade. Êste, é de carne e osso, é corpo e alma: e, por muito forte que esta seja, não pode dominar o corpo a ponto de evitar a revolta da carne e a turbção do espírito diante da destruição.

O coração humano, para empregar o termo do marechal de Saxe, é o ponto de partida em tôdas as cousas da guerra; para conhecê-las, é mister estudá-lo.

Os séculos não transformaram a natureza humana; as paixões, os instintos, e entre todos o mais poderoso, o instinto de conservação, podem manifestar-se de maneiras diversas segundo os tempos, os lugares, o caráter e o temperamento das raças... Mas no fundo, encontrase sempre o mesmo homem; e é dêste homem de fundo sempre igual que saem os peritos os mestres que coordenam com minúcia, u'a maneira de combater, e que adotam disposições gerais de ação. Os mais capazes, dentre êles, são os que conhecem melhor o combatente de hoje e o de toods os tempos. — Isto provém, evidentemente, da análise meticolosa das formações e dos grandes feitos de guerra antigos... Estudase o homem, estudando o combate.

... Aprenderemos a desconfiar da matemática e da dinâmica material applicadas às cousas do combate; a pô-nos em guarda contra as ilusões dos campos de tiro e de manobras, onde as experiências se executam com o soldado calmo, confiante, repousado, farto, atento, obediente, numa palavra, com o homem instrumento inteligente e dócil, e não com aquêle ser nervoso, impressionável, comovido, perturbado, distraido, superexcitado, inconstante, que escapa ao domínio de si mesmo, tal como é o combatente, do chefe ao soldado, salvante os fortes, que são muito raros.

Ilusões, entretanto, persistentes e tenazes, que reaparecem sempre, mesmo imediatamente após os mais absolutos desmentidos que as realidades lhes infligem, e cujo menor inconveniente seria conduzir a que se ordene o impraticável, como se ordenar o impraticável não constituísse atentado formal contra a

disciplina, e não produzisse o efeito de desconcertar chefes e soldados, ante o imprevisto e a surpresa do contraste entre a batalha e a educação do tempo de paz.

E' certo que a batalha é sempre susceptível de surpresas, mas tanto menos, quanto o senso e o conhecimento das realidades mais houverem presidido à educação do combatente, ou mais disseminados forem em suas fileiras. Estudemos, então, o homem no combate, pois êste é que dá a noção do real.

* * *

A princípio, o homem combatia o homem, cada qual por sua conta, à maneira das feras selvagens, procurando a quem matar e fugindo do que o mataria. Depois, a disciplina e a tática nítidamente formuladas, impõem a solidariedade do chefe e do soldado, a solidariedade dos soldados entre si. Além do progresso intelectual, há o progresso moral. Exigir a solidariedade no combate, adotar disposições táticas para torná-la praticamente possível, é confiar no devotamento de todos, é elevar os combatentes ao nível dos valentes dos combates primitivos. Aparece o ponto de honra. A fuga é a vergonha, porque não se está mais sózinho no combate contra o forte; já se é legião, e quem corre abandona chefes e companheiros. Por todos os motivos, o combatente vale mais. O raciocínio fez compreender o poder dos esforços judiciosamente combinados; a disciplina tornou-os possíveis.

* * *

O medo !...

Há chefes e há soldados que o desconhecem; são gente de rara têmpera. A massa treme; — porque não se pode suprimir a carne; — e êste tremor, sob pena de decepções, deve en-

trar como dado essencial em tôda organização, disciplina, dispositivos, movimentos, manobras, maneiras de agir, porque tudo isto concorre para dominá-lo, iludí-lo, fazê-lo desviar-se de nosso lado e exagerá-lo entre os inimigos.

Quando se estuda o efeito dêsse estremecimento nos combates antigos, verifica-se que, dentre os povos mais hábis na guerra, os mais fortes foram aquêles que compreenderam melhor a conduta geral, mas que também tiveram em alta conta a fraqueza humana e contra ela dotaram as melhores garantias. Observa-se que os povos mais aguerridos nem sempre são os que dispõem de melhores instituições militares, os que combatem da melhor maneira, ou os mais lógicos.

Com efeito, nos povos guerreiros há uma boa dóse de vaidade. Em sua tática, confiam unicamente na coragem; dir-se-ia que não queriam prever desfalecimentos.

O gaulês, apaixonado pela guerra, tem uma tática bárbara, mas depois da primeira surprêsa, é sempre vencido pelos gregos ou pelos romanos.

O grego, guerreiro, mas também político, tem uma tática assaz superior à dos gauleses e dos asiáticos.

O romano, político antes de tudo, para o qual a guerra é apenas um meio, quer que êste meio seja perfeito, não alimenta ilusões, aceita a fraqueza humana, e cria a legião.

* * *

A tática dos gregos resume-se na falange, a tática romana na legião, e a dos bárbaros na falange em quadrado, cunha ou losango.

Intellectualmente, os gregos eram mais civilizados do que os romanos; sua tática, parece, devia ser mais bem raciocinada.

Mas não era. A tática grega procedia, principalmente, do raciocínio matemático; a romana, do conhecimento profundo do coração do homem. Isto não significa que os gregos não levassem na devida conta o moral, e os romanos a mecânica; mas as preocupações de princípio eram diferentes.

Por que disposição se pode obter o esforço mais poderoso de um exército grego?

Qual o meio de fazer com que todos os soldados de um exército romano combatam efetivamente

A primeira questão discute-se ainda. A segunda teve uma solução que satisfez, seguramente, àqueles que a propuseram.

O romano não é essencialmente bravo; não produziu nenhum tipo guerreiro comparável a Alexandre; e a impetuosidade valorosa dos bárbaros, gauleses, cimbros, teutões, — coisa vulgar e sabida — fê-lo tremer por largo tempo. Entretanto, à bravura gloriosa dos gregos, ao temperamento intrépido dos gauleses, o romano contrapõe o dever rigoroso, exigido dos chefes por meio do sentimento extremado de patriotismo, e das massas, por uma disciplina terrível.

A disciplina dos gregos assenta nas penas e recompensas da opinião; a dos romanos igualmente e, além disso, na morte. Matam a bastonadas; dizimam.

Um general romano de que maneira vence o inimigo que aterroriza seus homens? — Exaltando-lhes o moral, não pelo entusiasmo, mas pela raiva. Torna miserável a vida de seus soldados, com excessos de trabalho ou de privações. Comprime a mola da disciplina a ponto de quebrar-se, num dado momento, ou de distender-se contra o inimigo.

Um general grego faz Tirteu cantar. (1)

A disciplina, porém, não basta para tornar uma tática superior. O homem no combate, repetímo-lo, é um ser no qual o instinto de conservação domina, em certos momentos, os outros

(1) — Os cânticos de Sirtêu exaltaram o moral dos espartanos, que assim triunfaram dos messênicos. (N. do T.).

sentimentos. O fim da disciplina é dominar êste instinto por meio de um terror mais forte; mas não pode alcançar êste resultado de maneira absoluta; consegue-o apenas até certo ponto que não é possível ultrapassar. Certamente que são inegáveis os exemplos brilhantes de disciplina e devotamento que têm elevado o homem acima de si mesmo; mas são brilhantes porque raros, são admirados como exceções, e a exceção confirma a regra.

E' na determinação dêsse instante em que o homem perde a faculdade de raciocinar, para tornar-se instintivo, que reside a ciência do combate. E' de sua aplicação geral que resulta o poder da tática romana, e sua aplicação particular, num dado momento, a determinadas tropas, é que produz a superioridade de César, de Aníbal.

* * *

Os combatentes eram de massas contra massas mais ou menos profundas comandadas e vigiadas por chefes cujo papel era nitidamente determinado. Era, em cada massa, uma série de lutas individuais, justapostas, em que só o homem da primeira fileira combatia; se êste caísse, fôsse ferido ou se esgotasse, o homem da segunda fileira, que esperava sua vez vigiando-lhe os flancos, substituiu-o. E assim prosseguia o combate, até à última fileira, pois o homem fatigava-se depressa, física e moralmente, na esgrima corpo a corpo em que empregava todas as energias.

Os combates eram, de regra, curtos. Em igualdade de força moral, os mais resistentes à fadiga venciam.

Durante o combate da primeira fileira, — das duas primeiras, pode dizer-se, uma que combatia e outra que vigiava, de perto, — os homens das fileiras posteriores aguardavam, a dois passos, inativos, seu turno de combater, que chegaria quando os da frente fossem mortos, feridos ou extenuados; as flutuações mais ou menos violentas da luta dos primeiros atira-

vam-nos para um lado e outro; ouviam o som dos golpes recebidos e distinguíam, talvez, os que penetravam as carnes; viam os feridos e os extenuados arrastarem-se pelos intervalos e irem para a cauda; espectadores passivos e forçados do perigo, mediam com o olhar as eventualidades cada vez mais terríveis; todos êsses homens, numa palavra, sentiam de perto a comoção do combate sob uma forma cruciante, e, não se achando amparados pela animação da luta, sofriam a pressão moral da maior angústia; às vezes, não conseguiam manter-se em seu lugar, e fugiam.

A melhor tática, a melhor disposição, eram as que facilitavam a sucessão dos esforços, garantindo melhor a substituição das fileiras das unidades de ação e bem assim a substituição e o apôio dessas unidades, sem empenhar imediatamente mais do que o número necessário ao combate e conservando o restante como apôio e reserva afastados da pressão moral imediata. Consistia nisto tôda a superioridade tática dos romanos, e também na disciplina terrível que presidia à preparação e à execução. Mais do que ninguém, combatiam longamente, mercê da resistência à fadiga, que os rudes e constantes trabalhos lhes dava, e da renovação dos combatentes. Seu senso prático fazia que reconhecessem imediatamente as armas superiores às suas e que delas se apropriassem.

Por falta de raciocínio, os gauleses só viam as fileiras inflexíveis e ligavam-se entre si, tornando as substituições impraticáveis. Acreditavam, e os gregos igualmente, na potência da massa e do ímpeto das formações profundas, e negavam-se a compreender que as fileiras acumuladas são impotentes para impulsionar as primeiras, quando estas recalcitram e estacam diante da morte. Erro incompreensível! Pensar que as últimas fileiras sejam capazes de ir ao encontro do que faz as primeiras recuarem, quando o contágio do recuo é, ao invés disso tão forte que a parada da testa significa o recuo da cauda!

Certamente, os gregos viam também reservas e apôio na segunda metade de suas fileiras, acumuladas; dominando, porém, a idéia de massa, colocavam essas reservas e apôios muito perto da frente, esquecendo o homem.

Os romanos acreditavam na massa, mas do ponto de vista moral. Não reuniam as fileiras para constituir a massa, mas para dar aos combatentes a confiança no apoio e na substituição, e o número delas era calculado na medida da duração da pressão moral que os últimos podiam suportar.

Para além do tempo durante o qual o homem podia resistir à angustia do combate das fileiras que o precediam, sem se empenhar, os romanos cessavam de acumular fileiras. Esta observação e êste cálculo, não foram feitos pelos gregos que chegavam por vezes a constituir trinta e duas fileiras. As últimas, que em seu pensar, seriam sem dúvida as reservas, eram, ao contrário, infalivelmente arrastadas pela desordem material das primeiras.

Na formação por manípulas, da legião romana, os melhores soldados, os que tinham a coragem temperada pelo hábito dos combates, esperavam sòlidamente dispostos em segunda e terceira linhas, suficientemente afastadas para não serem atingidos pelos dardos, mas em situação de poder *ver claramente* e não serem arrastados pela linha anterior, que se acolhia para os intervalos da sua; ao mesmo tempo, perto bastante para apoiá-la a tempo, ou completar-lhe a obra, avançando.

Quando as três manípulas separadas e sucessivas da coorte primitiva, se reúnem para constituir a coorte unidade de combate de Mario e de César, a mesma compreensão coloca; nas últimas fileiras os soldados mais sólidos, isto é, os mais antigos; os mais novos, os mais impetuosos, nas primeiras fileiras. E nada existe na legião sòmente com o intuito de fazer número; cada qual tem seu turno de ação, — cada homem na manípula, — cada manípula na coorte, — e, quando a unidade passa a ser a coorte, cada coorte na ordem de batalha.

Vimos qual era a idéia que regulava, entre os romanos, a profundidade das filas, a ordem e o número das linhas sucessivas de combatentes. O gênio, o tacto do general modificava estas disposições principais. Se os soldados eram aguerridos, bem exercitados, sólidos, tenazes, sempre alerta na substituição de seus chefes de fila, cheios de confiança em seu general e companheiros, o general diminuía a profundidade das filas, suprimia, até, algumas fileiras, afim de aumentar o número de combatentes imediatos, distendendo a frente. Se a tenacidade moral de seus homens, e às vezes também a física, eram superiores à do inimigo, o general sabia que as últimas fileiras adversárias não suportariam a angústia da espera durante o tempo necessário para preencher os claros das primeiras fileiras, ou para efetuar suas próprias substituições. E Aníbal; que tinha uma parte de sua infantaria, os africanos, armada e instruída à maneira romana, cujos infantes espanhóis tinham o fôlego forte dos espanhóis de hoje, e cujos soldados gauleses, endurecidos pela fadiga, eram igualmente aptos para os esforços prolongados, Aníbal, fortalecido pela confiança absoluta que inspirava à sua gente, formava uma única linha com a metade da profundidade do exército romano, e envolveu, em Canas, este exército duplamente superior em número. E o exterminou. César, em Farsala, por motivos idênticos, não hesitou em diminuir sua profundidade; enfrentou o exército duplo de Pompeu, exército romano como o seu, e o esmagou.

* * *

Estudando os combates antigos, vê-se que é quase sempre um ataque de flanco ou pela retaguarda, um efeito de surpresa qualquer, que decide das batalhas, sobretudo contra os romanos, cuja tática excelente, tão excelente que um general romano, às vezes valendo apenas a metade de seu adversário estava certo de vencê-lo, fracassava por vezes diante da surpresa: — Xantipo, Aníbal, sofreram os efeitos do aspecto, maneiras imprevistas de combater, dos gauleses, etc.

Xenofonte disse, com efeito: “Qualquer cousa agradável ou terrível, quanto menos foi prevista, maior é o prazer ou o terror que ela causa. Isto se observa melhor na guerra, onde tôda a surprêsa infunda terror, mesmo aos que são muito mais fortes”.

* * *

A expressão “entrevero”, empregada pelos antigos, era mil vezes exagerada em relação ao fato que se queria traduzir; significava cruzamento de armas, e não entrevero de homem.

As perdas mútuas resultantes dos combates, bastam para demonstrá-lo, e um momento de reflexão evidencia o êrro do entrevero. Se durante a perseguição era possível lançar-se contra um bando de carneiros, no combate, cada qual cuidava muito do que o seguia e de seu vizinho, que lhe guardavam o flanco e as costas, e não ia, prazenteiramente, fazer-se matar, com certeza, no meio das fileiras adversas.

O *avanço isolado*, no combate moderno, entre projéteis cegos que não escolhem o alvo, é muito menos perigoso do que o *avanço* antigo, pois, a não ser raras vezes num assalto, jamais conduz até ao contacto com o inimigo.

O entrevero de combatentes só existiu na imaginação dos pintores e dos poetas.

Eis como as cousas se passavam:

A’ distância de carga, marchava-se para o inimigo com a maior velocidade compatível com a ordem necessária à esgrima e ao apôio mútuo dos combatentes. Muitas vezes, o *ímpeto moral*, esta resolução de ir até ao fim, que se manifesta também pela ordem e desembaraço do movimento, êsse ímpeto, por si só, punha em fuga o inimigo menos resoluto.

De ordinário, entre boas tropas, havia choque, mas não choque cego, de cabeça baixa e em massa; a preocupação de ordem era rigorosa, como atesta a conduta dos soldados de César, em Farsala, em marcha lenta e cadenciada, ao som das flautas dos batalhões lacedemônios. No momento da aborda-

gem, o impeto amortecia-se por si mesmo, porque o homem da primeira fileira, forçosamente, instintivamente, verificava a boa colocação de seus apoios, — os vizinhos da mesma fileira, os camaradas da segunda — reconcentrava-se, a fim de se tornar senhor dos próprios movimentos, para descarregar e aparar os golpes. Havia luta de homem com homem; cada qual se batia com o adversário que tinha diante de si e o atacava de frente, porque se penetrasse nas fileiras antes de o ter derribado, arriscava-se a ser ferido de flanco, perdidos os apoios.

* * *

Para a cavalaria, de cavalaria para cavalaria, a impulsão moral, representada pela velocidade e a boa ordem da massa, era de efeito considerável, mas se sabe quanto foi infinitamente raro que as duas cavalaria pudesse resistir a essa ação recíproca. Tessino e Canas são combates citados, porque constituem exceção muito rara. E ainda assim, não houve choque a toda velocidade, mas parada frente a frente, e combate.

Com efeito, furacão de cavalaria é poesia, jamais realidade. O choque violento despedaçaria homens e cavalos, o que nem uns nem outros desjam. As mãos dos cavaleiros, seu instinto, e o dos cavalos também, estão prontos para diminuir a velocidade, e até para deter-se, se o inimigo não parar antes, ou para fazer meia-volta, se êste continuar a carga.

E se alguma vez se encontram, o choque é de tal maneira mortecido pelas mãos dos cavaleiros, pelo empinar dos cavalos, pelo desviar das cabeças, que se transforma numa parada frente a frente; trocam-se alguns golpes de sabre ou lanças, mas o equilíbrio é muito instável, o ponto de apoio excessivamente móvel para a esgrima e o apoio mútuo; o homem sente-se muito isolado, a pressão moral é violenta, e, embora pouco mortífero, o combate dura apenas alguns segundos, precisamente porque não poderia durar sem o entrevero, e neste o homem se sente e se vê sózinho e cercado. Então, os primeiros homens que, não se julgando mais apoiados, se deixam empol-

gar pela inquietação, dão de rédeas, e o restante os segue. O inimigo pode perseguir à vontade — a menos que não tenha feito, igualmente, meia-volta — e perseguirá até encontrar nova cavalaria que o obrigue, por sua vez, a fugir.

* * *

Da cavalaria com infantaria, nunca houve choque. A cavalaria molestava-a com seus dardos, lanceava-a, talvez, de passagem e rapidamente, sem jamais empenhar a luta aproximada. A bem dizer, a luta de perto não existia. De fato, se o cavalo aumenta a mobilidade do homem, e lhe permite ameaçar e correr presto contra o inimigo, faculta-lhe também escapar-se com a mesma velocidade quando a ameaça não intimida o adversário; então, o homem a utiliza segundo seu pendor natural e o raciocínio sensato, para causar o maior mal possível, correndo o risco menor. Em suma, com cavaleiros sem estribos nem selas, para os quais era difícil lançar os virotes (Xenofonte), o combate não era mais que uma série de inquietações recíprocas, de demonstrações, ameaças, escaramuças com lançamento, de dardos, em que cada partido procurava o momento propício para surpreender, intimidar, aproveitar-se da desordem, e perseguir, quer a cavalaria, quer a infantaria; e então, ái dos vencidos! ; a espada entrava em ação.

O homem, em todos os tempos, sentiu pavor de ser espinhado pelos cavalos e, sem dúvida, êste pavor derribou cem mil vezes mais gente do que o choque real, sempre mais ou menos evitado pelo cavalo. Quando duas cavalarias antigas queriam combater, combatiam forçosamente a pé — (Tessino, Canas).

O combate da idade média dá nova forma aos combates antigos, mas não à ciência. Os cavaleiros pelejam talvez mais do que a cavalaria antiga, pois que são invulneráveis; não basta desmontá-los, é preciso que sejam degolados. Sabiam, aliás, que seus combates a cavalo não tinham resultados sérios, e *quando queriam combater de fato, se apeavam.* (Combate dos Trinta, Bayard, etc.).

(Continúa)